

FORMATÇÃO DA ESTRUTURA ESTANCIEIRA A PARTIR DA ANALOGIA ENTRE A VISÃO DOS VIAJANTES NO SÉCULO XIX E DA ARQUEOLOGIA ATUAL

Juliana Rossato Santi¹, Saul Eduardo Seiguer Milder²

¹Universidade de São Paulo/Museu de Arqueologia e Etnologia, Av. Prof. Almeida Prado, 1466 CEP 05508-900 - Cidade Universitária - São Paulo, julianarsanti@hotmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria/Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Rua Floriano Peixoto, 1184, Anexo a Antiga Reitoria/UFSM, CEP 97015-372, Santa Maria Rio Grande do Sul, milderbr@yahoo.com.br

Resumo- O presente estudo se projeta a uma tentativa de demonstrar a consolidação dos limites do Estado Nacional Brasileiro, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul com o Uruguai na primeira metade do século XIX (1801 – 1850). Para a realização deste estudo utiliza-se além da bibliografia pré-existente, relatos de viajantes e da arqueologia que trazem consigo a realidade da época, bem como, a retratação do cotidiano e das relações materiais e sociais dentro do universo estancieiro. Consta-se que a fixação de pessoas à terra neste universo rural e longínquo torna-se necessária devido às sucessivas tentativas de domínio espanhol pela fronteira. A Fronteira Oeste vai ser definida pelas suas limitações territoriais estancieiras e configurada culturalmente dentro destes padrões.

Palavras-chave: Cultura material, Arqueologia, Fronteira, Estâncias.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Procura-se demonstrar como se deu a formação da estrutura estancieira e seus atores sociais na visão de escritores viajantes que percorreram estas paragens no século XIX e também a partir da arqueologia (algumas interpretações sobre a intervenção arqueológica nas ruínas da Estância Velha do Jarau - RS), em busca de uma percepção mais ampla da realidade da época, e de saciar a necessidade de visualizar o passado.

A partir de descrições feitas por viajantes que passaram pelas terras sulinas no período a que se refere o estudo (século XIX), pode-se destacar vários aspectos e características que marcaram a vida e a cultura material dentro da estância. Ressalta-se estes aspectos no intuito de adentrar os meandros introspectivos da realidade cotidiana estancieira, aludindo a sociedade em questão que é formada pela composição destes aspectos.

A formação descrita pela visão dos viajantes pode ser contrastada e, às vezes, confirmada através da arqueologia, que busca nos artefatos residuais informações a respeito de uma época que está impressa nos objetos. Pretende-se analisar, as relações sociais e materiais transformadas e consumidas pela sociedade dentro da estância. Resumidamente explica-se que a arqueologia se insere neste estudo com abordagem específica, que seria a decodificação do contexto atual em que se situam as estâncias do século XIX, realizando uma alusão ao cotidiano da época a partir de análises da cultura material estancieira.

No intuito de alcançar este fim, aborda-se a intervenção arqueológica realizada em apenas uma estância fronteiriça, a Estância Velha do Jarau, justificando-se esta escolha por ser ela considerada a única estância da Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul com período ativo no início do século XIX a ser estudada a partir de seus remanescentes materiais. Servirá também de contraponto às questões levantadas pelos viajantes. Dentro deste panorama, revisado na visão de viajantes e destacado pelo viés arqueológico, destaca-se enfaticamente a necessidade de análises dentro da estância, os aspectos materiais que foram utilizados tanto como centro guerreiro quanto produtivo. Evidencia-se também que são os atores sociais o "fermento" que possibilita o desenvolvimento dessas atividades. Dessa forma pode-se caracterizar a estância dentro do período estudado, adjetivando-a ao mesmo tempo a partir de dois termos completamente opostos como "vida e morte".

Materiais e Métodos

Análise Bibliográfica, Relatos de Viajantes do século XIX e a Arqueologia.

Resultados

A cultura material estancieira e seus objetos não podem ser considerados simplesmente como remanescentes culturais, mas executores de uma mediação nas relações sociais que se quer estudar. A partir do momento em que são

reintegrados num contexto cultural em funcionamento como o nosso, tornam-se novamente intercessores das relações em sociedade.

É importante destacar as estâncias do século XIX também como centros produtivos onde se cria o gado necessário para o consumo interno e externo. A partir da bibliografia consultada pode-se afirmar que a carne foi, em sua época, o alimento que mais se fez uso principalmente pela característica da região de fronteira longínqua e carente de recursos.

Ao reportar-se às estâncias como alvo de guerras quer se destacar a importância que estas tiveram no século em questão, na região fronteira onde as disputas eram freqüentes e o reabastecimento difícil, o que fez com que servissem como alvo primeiro, não no sentido destrutivo, mas como proteção e abastecimento principalmente dos exércitos.

A estância ganha vida a partir da verificação dos seus atores sociais, ou seja, daqueles que atuaram na sociedade estancieira e sofreram as conseqüências de seus atos. Quer se destacar assim, não só a figura do estancieiro, mas dos personagens que geralmente são relegados a papéis coadjuvantes.

Discussão

No intuito de se realizar uma visualização material das estâncias da Fronteira Oeste, evidencia-se sob as duas óticas propostas a importância cultural tanto das estruturas quanto dos objetos que a compõe.

As estâncias são descritas com ênfase pelos viajantes, às construções, principalmente às moradias. Percebe-se nitidamente que, mesmo percorrendo-se vários quilômetros até chegar à próxima estância, a visualização paisagística mudava muito pouco. Repetia-se o modo construtivo, a disposição no espaço, os personagens e as atitudes.

Segundo Gomes (2001) como pode-se perceber a Estância Velha do Jarau, era composta de edificações, formando um complexo arquitetônico que respondia às necessidades variadas como o manejo do gado, assim como a existência de outras edificações menos comentadas pela literatura, como a atafona a casa de charque, a senzala, a capela, etc.

A que tudo indica, a cultura material remanescente desta época, nas estâncias da Fronteira Oeste, é reduzida. Poucas construções e acomodações; utensílios e roupas escassos e dificuldades comerciais marcantes. Mesmo assim ela parece ser bastante elucidativa para o período, servindo nas tentativas atuais de se estabelecer às relações sociais que permearam o cotidiano estancieiro dentro do século XIX.

Buscando-se citações nos viajantes sobre a alimentação fronteira identifica-se na quase totalidade dos casos a utilização massiva da carne bovina e a partir do abate diário dentro da estância, não relatando outros métodos corriqueiros de obtenção alimentícia como a caça, a pesca e a coleta.

Não é o que encontra-se palavras de Milder (2002). Segundo ele, percebe-se na estância Velha do Jarau grande quantidade de vestígios faunísticos de caça como o tatu, a ovelha, a paca, o peixe, o lagarto, a ave e também o tradicional gado *vacum*. Retrata-se ainda que provavelmente no consumo cotidiano do grupo não havia apenas o predomínio da carne preparada através do tradicional símbolo da alimentação gaúcha, o churrasco. Mas que existiam também variações de consumo através de espécies faunísticas da região, seja ela adquirida pela caça, pesca ou domesticação.

A produção de gado dentro das estâncias fronteiras é um fato a ser considerado, não isoladamente, mas como mais uma característica a ser empregada na complexa estruturação e organização estancieira.

No cotidiano estancieiro da primeira metade do século XIX, nas palavras dos viajantes, pode ser verificada a presença de constantes guerras, onde as estâncias serviam não somente para o reabastecimento das tropas, mas também para o fornecimento do material humano necessário.

Arqueologicamente este contexto pode ser evidenciado a partir da tentativa de reintrodução da cultura material encontrada na estância Velha do Jarau à sociedade como forma de reconstruir o ambiente passado que se pretende estudar na atualidade. Assim é muito importante no estudo arqueológico do artefato considerar os objetos dentro de seu contexto social, utilizando os sítios para pensar nos povos e suas atividades dentro da sociedade que se está buscando estudar.

A belicosidade um é fator importante dentro da estância, e é retratado pelo estudo arqueológico. Segundo Milder (2003) encontrou-se dentro da estância Velha do Jarau materiais metálicos identificados por serem tralha bélica. Ela é rica em cartuchos de pistola, fuzil, projéteis, cabo de revólver, etc, retratando um período de intensa militarização dentro da estância.

Dentro das unidades produtivas chamadas estâncias, perpetuaram-se relações sociais e produziram-se desigualdades. Portanto, não se pode visualizar esta simplesmente como um lugar destinado a criação de animais, é necessário perceber-se as constantes atuações sociais dos seres humanos ligados a ela e alguns conceitos que se elaboravam a este respeito.

Os principais atores sociais destacados pelos viajantes e que trabalhavam para a economia da estância eram o escravo e o peão. O escravo que

foi utilizado desde o Brasil colônia vindo da África e o peão, era principalmente o mestiço, ou o índio que procurava um trabalho para continuar vivendo e acabava trabalhando na estância.

Conforme as descrições feitas acima, percebe-se que o processo de distribuição de sesmarias proporcionou um sistema produtivo destinado a produção e a fixação dos limites do Brasil com o Urugua. Ressalta-se ainda que não só houve nesse ambiente, um desnível racial (índios, africanos e europeus), mas também social (estancieiros, peões e escravos).

Nesse contexto, as estâncias receberam o papel mais importante para a promoção da colonização na Fronteira Oeste e a disseminação de novas etnias na região. Essas etnias correspondem aos que já estavam aqui (pré-existentes), os chamados indígenas e aos que vieram de fora (europeus e africanos). Os atores sociais a que nos referimos nesta dissertação fazem parte da descrição acima.

Conclusão

A formatação da estrutura estancieira da Fronteira Oeste pode ser definida a partir da visão de alguns viajantes do século XIX, que por aqui passaram e puderam dissertar-la. Deu-se vida à estância a partir da especificação de seus atores sociais e do seu cotidiano Entendeu-se que os processos políticos, econômicos e sociais que se desenvolveram neste período foram muito mais complexos e difíceis do que se imaginava.

Nesse sentido, foram determinantes para a formatação da estrutura estancieira os aspectos humanos e materiais. Os atores sociais e suas ações permitiram a disposição e caracterização atual das linhas da Fronteira Oeste.

É pertinente destacar que, de certa forma, os viajantes dispõem da realidade da época vivenciando as descrições feitas, possuem assim a sua própria maneira de entender o mundo e impregnam seus textos a partir heranças culturais européias. Assim segundo alguns, a distribuição de terras faria parte de um projeto desigual, mas o estancieiro tinha razões para esses comportamentos. A cultura material da estância reduz-se na maioria das vezes à questão construtiva e os atores sociais dispõem de bons tratamentos dentro da estância, embora todo o processo civilizatório ocorra com a valorização de algumas classes em detrimento a outras.

Já a partir da visão arqueológica pode-se perceber a necessidade de valorizar cada espaço, cada objeto que se destina a composição estancieira. Destacam assim evidências de um passado denotado na cultura material remanescente que na sua materialidade demonstra relações sociais desiguais, com a presença tanto da casa sede (estancieiro),

galpões ou choupanas (peões) quanto da senzala (escravos).

Contudo, pode-se afirmar que a estância foi um tipo de estabelecimento que acarretou profundas raízes na história do Rio Grande do Sul no século XIX, podendo-se caracterizá-la como mantenedora do povoamento e ocupação das terras da Fronteira Oeste resguardando-as do domínio espanhol, permitindo assim a consolidação e formatação dos limites jurídicos da Fronteira Oeste.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

Referências

-GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. **Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905). Um estudo de caso em Arqueologia Histórica Rural.** Dissertação de Mestrado ao Curso de Pós Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUC - RS. Porto Alegre: Editora da Puc/RS, 2001.

- MILDNER, S. E. S, et alii. Alimentação no meio rural do Rio Grande do Sul. VI INIC – ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E II EPG – ENCONTRO DE PÓS GRADUAÇÃO LATINO AMERICANO. **Anais de Trabalhos Completos-UNIVAP- Universidade do Vale do Paraíba, 16 a 18 de outubro de 2002.** São José dos Campos: Univap, 2002.

- MILDNER, S. E. S, et alii. Cotidiano e belicosidade na fronteira Brasil Uruguai: análise dos metais da Estância Velha do Jarau. VII INIC – ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E III EPG – ENCONTRO DE PÓS GRADUAÇÃO LATINO AMERICANO. **Anais de Trabalhos Completos-UNIVAP- Universidade do Vale do Paraíba, 2003.** São José dos Campos: Univap, 2003.